

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS

DRIÉLLY NAYARA ARMÔA JARA

O CONTISTA DAS *COISAS CRIOULAS*: UM ESTUDO SOBRE HÉLIO SEREJO

JARDIM
2010

DRIÉLLY NAYARA ARMÔA JARA

O CONTISTA DAS *COISAS CRIOULAS*: UM ESTUDO SOBRE HÉLIO SEREJO

Monografia apresentada ao curso de graduação, em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com requisito parcial a obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araújo.

JARDIM
2010

DRIÉLLY NAYARA ARMÔA JARA

O CONTISTA DAS *COISAS CRIOULAS*: UM ESTUDO SOBRE HÉLIO SEREJO

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araújo - UEMS
Orientadora

Prof. Dr^o. Fábio Dobashi Furuzato(UEMS)
1^o examinador

Prof. Rosicley Andrade Coimbra (UFGD)
2^o examinador

“Estou contente, estou satisfeito, estou alegre, estou mesmo alegrão da vida, nesta data memorável, pois venço um concurso monográfico, escrevendo sobre um produto, cujo cheiro está todinho em meu corpo, cujo cheiro está, efetivamente, em meu próprio sangue”. (Hélio Serejo)

Nely, a você que está comigo em cada passo da vida, certa ou errada, sempre me apoiando, motivando e ensinando a ser uma pessoa melhor. A você, exemplo de garra, coragem e esperança, a quem tenho a honra de chamar de mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e força, onde sempre encontrei respostas para os meus problemas.

Agradeço a minha Vó Vanda, (*in memoriam*) que, junto ao Pai sempre intercedeu por mim, dando força e coragem para minha caminhada, em busca da realização do sonho de concluir o curso superior.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a. Dr^a Susylene, pela paciência e dedicação na elaboração deste trabalho.

A toda minha família que sempre esteve ao meu lado me dando apoio para que eu nunca desanimasse. Em especial aos meus pais Nely e Dílson, às minhas irmãs, Naia e Dina e ao Gabriel por simplesmente existir.

Agradeço de coração ao meu marido Vanterson, pessoa muito importante em minha vida. Obrigada por sempre estar ao meu lado, principalmente por me apoiar nas horas mais difíceis. A sua ajuda foi de grande valia na elaboração deste trabalho.

Aos professores que esses quatro anos me acompanharam. Através deles e dos conhecimentos deixados por eles, consegui chegar na reta final, com a certeza de concluir o curso superior e poder aplicar e compartilhar tudo que aprendi com meus mestres.

As minhas colegas de sala, turma muito especial, serão eternas em minha memória. Em especial a Rosinha amiga para vida toda. Obrigada por tudo, na hora dos estudos, nos conselhos, nas nossas brincadeiras e nas nossas tristezas.

Aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Este trabalho objetiva um estudo acerca do termo crioulisto na obra *Contos Crioulos* do autor Hélio Serejo. O primeiro passo do trabalho é a apresentação da vida e obra do autor e a importância do mesmo para a região sul-mato-grossense. Também são expostas considerações sobre a opinião de alguns pesquisadores e críticos do nosso Estado, no que diz respeito à recepção da obra serejeana. Em seguida, o trabalho se volta para o crioulisto, que se define como a tendência nativista nas literaturas hispano-americanas, e é com foco nesta definição que a pesquisa se estende. Em seguida, buscamos localizar o crioulisto dentro das obras serejeanas, discutindo algumas relações importantes entre o crioulisto e a obra de Hélio Serejo. Por fim, a análise dos contos extraídos da obra *Contos Crioulos* que tem a finalidade de apontar em quais momentos o crioulisto é acentuado.

Palavras-chave: Hélio Serejo, Crioulisto, *Contos Crioulos*.

ABSTRACT

This paper aims at studying the term “creolism”, in the piece “Creole Tales”, by Helio Serejo. First there is the author’s life and work presentation and how important they are for the south region of Mato Grosso do Sul. Considerations of other researchers and critics from the state are also exposed, regarding the receiving of Serejo’s work. Then the work turns to “creolism”, which is defined as the native trend in Spanish-American literature. Next, we locate the “creolism” conception within Serejo’s works discussing some important relationships between them. Finally, we present the tales analysis which has the purpose of showing when the “creolism” reigns.

Keywords: Hélio Serejo, Crioulismo, *Contos Crioulos*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
HÉLIO SEREJO: “O TRILHADOR DE TODOS OS CAMINHOS”	
1.1 O escritor Hélio Serejo.....	11
1.2 A Obra Serejeana.....	13
1.3 A recepção crítica.....	17
CAPÍTULO II	
O CRIOLISMO NA LITERATURA	
2.1 O Crioulismo.....	20
2.2 O crioulismo na obra <i>Contos Crioulos</i>	22
CAPÍTULO III	
CONTOS SEREJEANOS	
3.1 O contista das <i>coisas crioulas</i>	25
3.2 O conto “O peão que viu Jesus”	27
3.3 O conto “O último ervateiro”	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	34
ANEXOS.....	36
ANEXO A - Capa do nono volume das <i>Obras Completas</i>	37
ANEXO B - Cópia do conto, <i>O peão que viu Jesus</i>	38
ANEXO C - Cópia do conto, <i>O último ervateiro</i>	42

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a elaboração de um estudo acerca de três contos da obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. Nascido em Nioaque e grande apreciador do *modus vivendi* da região, este autor deixou um acervo de elevada importância para os estudos da Literatura e da Cultura de Mato Grosso do Sul.

O trabalho está estruturado em três capítulos: O Capítulo I faz menção a trajetória do escritor de Hélio Serejo e de sua obra, a partir de relatos de estudiosos e críticos. Sobre a obra, consideramos que são livros que exploram temas diversificados da cultura ervateira, no período da exploração da erva-mate, no ainda sul de Mato Grosso. A obra serejeana foi recentemente publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul (IHGMS), organizada pelo Professor Hidelbrando Campestrini renomeado historiador do Estado.

Em seguida, apontamos para a análise do termo “crioulismo” em sua definição mais abrangente, tecendo comparações com o artigo da autora Magda França Vianna, expoente para a elaboração do Capítulo II. Segundo o *Novo dicionário de língua portuguesa*, “crioulismo” se define como a tendência nativista nas literaturas hispano-americanas. Este capítulo tem o intuito de entrelaçar a definição de crioulismo com a obra *Contos Crioulos*, obra que serviu de corpus para elaboração deste estudo e que expõe o crioulismo como essência das narrativas de Hélio Serejo.

No terceiro Capítulo foram selecionados três contos para análise: “Das Coisas Crioulas”, “O Peão que Viu Jesus” e o “Último Ervateiro”. Estes contos foram extraídos do nono volume da coletânea elaborado pelo IHGMS, intitulado *Obras Completas*, que apresenta a obra *Contos Crioulos*.

CAPÍTULO I

HÉLIO SEREJO: “O TRILHADOR DE TODOS OS CAMINHOS”

1.1 O escritor Hélio Serejo

Para falar de si, o escritor Hélio Serejo, assim se definia:

Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas esse (vento) vadio (...) Eu vim dos ervais, do fogo dos 'barbaquás' ..., do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos das encruzilhadas e das distâncias perdidas(...) Eu vim de longe eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo(...) Eu vim em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos(...) Fui gemido de carreta(...) Amei imensamente, o vazio aberto. (Do discurso de Hélio Serejo em seu ingresso na Academia Sul-mato-grossense de Letras).

Hélio Serejo nasceu na cidade de Nioaque, no dia 1º de junho de 1912, na Fazenda São João e faleceu em Campo Grande aos 93 anos. Nesta cidade ocupava a cadeira de número trinta na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras para qual foi eleito em 27 de novembro de 1953, mas somente foi empossado aos dezoito dias do mês de outubro de 1973.

Segundo Campestrini (2008) Hélio Serejo ao estabelecer os primeiros contatos com o mundo ervateiro se encantou com as plantas, a floresta, as pessoas e resolveu começar a perguntar e anotar tudo que lhe causava interesse. No entanto o seu sonho da juventude era ser engenheiro militar e para seguir a carreira abandonou o mundo ervateiro e foi para o Rio de Janeiro estudar. Tornou-se um aluno brilhante e quando já era cabo sinalizador e estava pronto para ser promovido, em 1935 ocorre a Intentona Comunista. Hélio Serejo que dormia no quartel, é preso com os demais militares. Depois de meses em uma rigorosa prisão que lhe deixou severas sequelas é solto.

De volta à vida nos ervais continuou suas indagações a respeito do lugar em que vivia. Desde então Serejo começou a transformar suas anotações em livros e dentre as obras, a maioria voltada para a questão da produção de erva-mate, a mais completa é *Carafí*, com a qual ganhou o primeiro prêmio em um concurso sobre o assunto, promovido pelo Instituto Euvaldo Lodi.

Serejo foi o escritor que melhor descreveu o Sul de Mato Grosso no período chamado de “ciclo da erva-mate”. Foi um profundo conhecedor da história e dos costumes da região fronteira, pois acompanhava a produção da erva-mate com seu pai que era empregado da empresa Erva Mate Laranjeira, exploradora do produto.

Por estar participando das expedições, ele escrevia suas experiências com os ervateiros e colonizadores e aproveitava para refletir sobre as trocas entre a cultura brasileira e a paraguaia, pois vivia na fronteira e estes países eram colaboradores na exploração da erva. Como já mencionamos, Serejo anotava tudo que lhe chamava atenção, as crendices, os costumes que os trabalhadores descreviam e a linguagem, o que foi fundamental para sua atuação como autor.

Nas obras de Hélio Serejo encontramos diversidade de temas que envolvem as lembranças do sertão. Sendo que esses temas falam do homem simples, do trabalhador do campo, da erva mate e descrevem o homem fronteiro, a fauna, a flora, a geografia e a história da região.

“Falar da obra de Hélio Serejo pressupõe fazer, com antecedência, uma breve viagem pelo “velho” Mato Grosso.” (STEFANES; 2007- ANAIS DO III CELLMS). Isso quer dizer que as obras são uma mistura de lendas, contos, poesias e narrativas do cotidiano e esses textos descrevem o estado de Mato Grosso do sul com grandeza e veracidade. Podemos dizer que se trata de um autor que deixou um acervo de relevante importância para a região sul mato-grossense, portanto em suas obras encontramos com mérito nossa História em seus vários aspectos. No legado de Hélio Serejo encontramos nossas tradições e a relação com os nossos vizinhos paraguaios.

Ao ler os contos serejeanos percebemos que o narrador está presente em tudo que narra e com isso faz com que o leitor compartilhe de sua companhia e tenha a oportunidade de conhecer e até vivenciar o Ciclo da Erva Mate, episódio tão

importante para o entendimento da identidade do Mato Grosso do Sul, tanto no aspecto econômico, histórico e literário, por recuperar pela memória a vida do branco, do negro, do paraguaio e do índio.

Além de escritor Serejo pertenceu a diversas Academias, Centros Culturais e Sociedades:

- Academia Sul-Mato-Grossense de Letras;
- Academia Mato-Grossense de Letras;
- Academia Pontaporanense de Letras;
- Academia Douradense de Letras;
- Academia Piracicabana de Letras;
- Academia de Letras de Curitiba;
- Instituto Histórico e Geográfico do MS;
- Centro de Cultura D. Aquino Correa, Cuiabá;
- Centro Folclórico Sul-Americano de Bogotá;
- Casa Humberto de Campos do Rio de Janeiro;
- Centro de Cultura Coelho Neto do Rio de Janeiro;
- Centro de Pesquisa Folclórica de Teresina;
- Casa dos Poetas de João Pessoa, Paraíba;
- Centro de Cultura Literária de São Luiz, Maranhão;
- Sociedade do Folclore do Recife;
- Cultura Crioula de Paissandu, Uruguai;
- Sociedade de Pesquisa Campechana de Porto Alegre;

1.2 A Obra Serejeana

Serejo foi um grande pesquisador, pois além de vivenciar as suas histórias antes de escrevê-las, pesquisou sobre o período da erva mate, buscando informações coerentes para a composição de sua obra e assim com o material acumulado e vivenciado pôde deslanchar o trabalho na elaboração das narrativas.

Segundo Dos Santos e Silva:

A pesquisa sobre a erva mate o levou a receber inúmeras ofensas e provocações, as quais não o impediram em alcançar seu objetivo: escrever suas memórias. Essas pesquisas o aproximaram da realidade do homem ervateiro. Conseguir essas informações era tarefa muito difícil. Serejo deparou-se com muitas dificuldades, especialmente de pessoas que desconfiavam de seu trabalho. (DOS SANTOS E SILVA, 2010 p. 102).

O conjunto da obra está dividida em mais de cinquenta livros, e a mais recente publicação, para o reconhecimento do escritor, foi organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do sul, com coordenação do Professor Hidelbrando Campestrini (2008).

A obra serejeana publicada pelo seu autor não está disponível, a precisão das datas de publicação de seus livros também não são de fácil acesso, portanto as obras que tivemos como base para a análise, foram os livros publicados pelo IHGMS e a publicação dos Contos Crioulos pela UFMS.

Sendo que, a publicação do IHGMS no ano de 2008, possui a seguinte configuração:

Primeiro Volume:

Tribos Revoltadas

Modismo do Sul de MT

Três contos

Quatro contos

Lobisomem

Carreteiro de minha terra

Pialo bagual

Vento brado

Homens de aço

Prosa xucra

Segundo Volume:

Ronda sertaneja

Rincão dos xucros

Prosa rude

Canto caboclo

O Homem mau de Nioaque

Terceiro Volume:

Poesia mato-grossense

Buenas, Chamigo!

De galpão em galpão

Versos da madrugada

Carta de Presidente Venceslau ao cumpadre Ansermo

Rodeio da Saudade

Quarto Volume

Contos do meu rosário

Vida de erval

Zé Fornalha

Abusões de Mato Grosso e outras terras

Sete contos ... e uma potoca

Quinto Volume:

Fogo de angico

Lendas da erva-mate

Campeiro da minha terra

Pelas orilhas da fronteira

Palanques da terra nativa

Mãe preta

Nioaque (um pouco de sua história)

Sexto Volume:

Carai

O tereré que me inspira

Paisagem sertaneja

Nhá chaló

Sétimo Volume

Pialando...no más

Balaio de bugre

Astúrio Monteiro de lima

Oitavo Volume:

Carai ervateiro

Lendas do Estado de MS

Sismório, o gringo bochicheiro e bandido

No mundo bruto da erva mate

Dorico, um bravo lutador

Nono Volume:

Ronda do entardecer

Contos crioulos

Dois contos: Zé Fumaça e Chopito

Meus bisnetos

Textos esparsos e Glossário

Na apresentação dos volumes, o próprio organizador descreve o conjunto:

As obras completas estão organizadas em cinquenta livros, mantendo somente a produção do autor, eliminando textos de outros autores. O livro *Textos esparsos* reúne textos órfãos, dos livros que perderam sua identidade. Todos os glossários presentes nas obras anteriores estão reunidos no volume IX. Os textos repetidos foram eliminados, preservando-se somente textos que apresentam pequenas alterações. A revisão textual ocorreu integralmente em todos os textos, “[...] sempre com a preocupação de conservar a originalidade do estilo do autor. Procurando padronizar a ortografia” (CAMPESTRINI, 2008, p. 54, apud DOS SANTOS E SILVA, 2010 p. 104).

Podemos mencionar também, que, os personagens que percorrem a obra serejeana são representados de forma a não identificar nenhuma pessoa que esteve com o autor no convívio diário. São apresentadas dentro de varias funções como: o monteador, os mineiros, os peões de ervais. Dentre essas haviam várias outras funções exercidas nos ervais. As mulheres são consideradas como as *heroínas dos ervais*, pois ficavam ao lado de seus companheiros mesmo no espaço desconhecido

da erva-mate, desbravavam a mata e suportavam os mistérios e desafios do novo lugar que habitavam. Não só as mulheres tinham um papel admirável, mas todos os trabalhadores que possuíam uma atividade em particular.

O primeiro a aparecer na longa empreitada de um erval era o “monteador” que era o responsável de montar e povoar os ervais, depois os “peões” que cortavam os galhos e os “mineiros” que preparavam os galhos de erva. E assim, todos exerciam uma função e cumpriam com seus deveres como o combinado da lida. Da mesma forma Serejo procurou descrever seus personagens, cada um com sua qualidade particular.

Alguns aspectos marcantes nas obras serejeanas são o folclore e a descrição das crendices populares. Tais aspectos retratam a religiosidade dos ervateiros que acreditavam em Deus e pediam sua proteção, mas não deixavam de acreditar no misticismo, na reza das benzedadeiras, no adivinhador e nos remédios naturais, além das histórias de assombrações.

Ao estudarmos a obra de Serejo encontramos uma apresentação da realidade do labutar sertanejo e em seu texto há a descrição da região em suas várias formas de convívio que vão desde a religião, costumes, alimentação, até o trabalho nos ervais, os mitos e as superstições.

Deste grande universo literário, o corpus escolhido para o trabalho concentra-se no livro intitulado *Contos Crioulos* que se encontra no nono volume publicado pelo IHGMS, que no próximo capítulo será analisada juntamente com o “crioulismo” que se acentua na obra serejeana.

1.3A recepção crítica

Alguns intelectuais e críticos, voltados para o estudo da literatura de Mato Grosso do Sul apreciam a obra e o autor Hélio Serejo. Segundo Taborda (apud Stefanos; 2007- ANAIS DO III CELLMS) o descreve da seguinte forma:

Hélio serejo é um varador de sertão e de almas:conhece bem as veredas e canhadas que vão dar no largo e correntoso rio do folclore nacional; conhece também o nosso fronteiro com suas bravatas e manhas; conhece as Campinas e coxilhas, matas e brejos. Por isso de tudo nos dá conta em seus cálidos contos e estórias, que nos emocionam e encantam – por vezes são poemas dos mais elevado lirismo, que ele também é poeta.

Já José de Mesquita usa os seguintes termos para falar das obras de Serejo (In PROSA RUDE, 1952, p.8, apud STEFANES; 2007-ANAIS DO III CELLMS):

Os seus contos, meu caro Hélio, são pedaços da vida, recortados na carne sangrenta da realidade. Vivem neles, palpitantes e frementes, - como em músculos sadios o sangue que jorra mais forte – os tipos e costumes, o fraseado e as paisagens da nossa interlândia maravilhosa, sobressaindo de todos, como a animá-lo a alma simples e impetuosa do caboclo, avessa à doblez e aos oportunismos, às convenções e às mentiras da pseudocivilização de que jactam os litorâneos.

Por sua vez, Ana Aparecida Arguelho de Souza, Doutora em Literatura pela UNESP, Pesquisadora e Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Campo Grande em seu trabalho sobre uma das obras do autor Hélio Serejo ela observa que:

Utilizando a mescla de idiomas como forma de demonstrar as possíveis interações entre as distintas nações envolvidas no fazer dos ervais, Serejo legou à humanidade um importante registro acerca do homem fronteiriço na materialidade do seu trabalho com a natureza e com outros homens e suas possibilidades civilizatórias. Sua obra mostrou, ainda, que civilização e exploração do trabalho andam juntas e que o avanço histórico do oeste brasileiro se fez com a carne e o sangue dos trabalhadores nos ervais.

No prefácio da coletânea das obras de Hélio Serejo editada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 1998, a professora universitária e doutora em letras e literatura Enilda Mougnot Pires faz o seguinte comentário:

Fica difícil recontar o trilheiro refinado da forma narrativa de Hélio Serejo, sem estragar as inúmeras surpresas de quem ainda não leu. Sua habilidade narrativa é o resultado de um narrador duplo, em que a ficção e a história vão se mascarando e se revelando uma a outra. A duplicidade admiravelmente dobrada e redobrada sobre si mesmo que ele compartilha com alguns dos melhores escritores da atualidade ...

Segundo o Professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UFGD Paulo Nolasco, no livro “Fronteiras do Local”, aponta que o conjunto da obra de Serejo revela-se como um importante registro da cultura do sul de Mato Grosso:

(...) dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa ‘hinterlândia’ inóspita. Retrato de um período de grande

empreendedorismo que reuniu a região fronteira do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. (NOLASCO, 2008, p.52)

Hidelbrando Campestrini, conforme já mencionamos, é organizador das obras serejeanas e em homenagem ao autor, de quem foi amigo, declara:

Parabéns, Hélio! Obrigado por tudo que você escreveu, para orgulho de nossa terra. Peço-lhe perdão por não ter, o Governo do Estado, erguido sua estátua em diversos locais deste nosso abençoado chão, que Hélio tanto exaltou. Talvez não tenha feito, porque você merece muito, muito mais que o frio bronze e a imobilidade desses monumentos. Porque você é misto “de índio vago, cruza-campo e trota-mundo”.

Em todas as citações feitas em relação ao autor e à obra podemos observar admiração e respeito como norteadores dos comentários de pesquisadores que não deixam de tecer observações positivas a respeito do legado serejeano deixado como material de pesquisa para diversas áreas.

Os direitos autorais das obras de Hélio Serejo são do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, para quem Serejo entregou os livros que escreveu. Hoje, suas *Obras Completas*, estão à disposição dos pesquisadores.

Em palestra ministrada com o próprio Hidelbrando Campestrini, este nos revelou seu projeto de distribuir para todas as escolas de Mato Grosso do Sul a coleção elaborada pelo Instituto, pois a maioria da população não tem conhecimento sobre estes livros e a riqueza literária do Estado.

Atualmente, nas universidades existem pesquisas sobre a obra de Hélio Serejo, nas várias áreas do conhecimento e já podem ser lidos alguns estudos nos campos da linguística, da literatura e da história.

CAPÍTULO II

O CRIOLISMO NA LITERATURA

2.1 O Crioulismo

Para compreendermos a temática deste trabalho serão apresentadas algumas definições para o verbete crioulo e assim prosseguiremos na compreensão do termo crioulismo. Faz-se necessário este esclarecimento porque a partir do crioulo que se chegou ao termo que aqui nos interessa, no caso o crioulismo.

No *Minidicionário de língua portuguesa*(2002): crioulo está definido como: adj. 1.dizia-se do negro nascido na América. 2. referentes aos nativos de determinada região. 3. diz-se qualquer negro. Sm. 4. individuo crioulo. 5. ling. Língua que resulta do contato prolongado entre grupos que falam línguas diferentes, sendo um deles, ger., de falantes de língua europeia. Já o *Novo dicionário de Língua Portuguesa* faz menção ao “crioulismo” e o define como a tendência nativista nas literaturas hispano-americanas, o que é confirmado por Magna Vianna em seu artigo:

A palavra crioulo viria do espanhol "criollo", ele mesmo resultante do verbo latino "criare" que significa "criar, educar". O Crioulo é aquele que nasceu e foi criado nas Américas sem ser originário delas como os Ameríndios. Bem depressa, esse termo designou todas as raças humanas, todos os animais e todas as plantas que foram transportadas para a América a partir de 1492. (VIANNA, 2005, p. 103).

Podemos perceber então que as definições para o termo crioulo são basicamente similares, dizem respeito ao negro, ou ao migrante que se relaciona com habitantes de costumes diferentes e se insere em determinado contexto, sem deixar de lado a sua cultura de origem. Em particular as definições fazem referência à América, ou seja, referência as coisas que foram transportadas a este continente, incluindo as pessoas.

Estudiosos sobre o assunto apontam que a crioulização está relacionada a vários aspectos de convivência, e dois destes aspectos são a diversidade e a unidade. Os teóricos citam como exemplo o Caribe e as Antilhas, porque nestes locais existem várias ocorrências de mestiçagem etnoculturais e um poder extraordinário de diversidade e unidade. É o que Vianna menciona:

A atual complexidade das migrações faz das Antilhas um arquipélago movente, onde se constitui uma região cultural aberta, atravessada por uma multiplicidade de culturas, mesmo as mais contraditórias, como por exemplo, o rap, que convive com o gwoka(ver definição), com o serão ou sarau antiga. (VIANNA, 2005, p. 108).

Defende-se assim que o indivíduo é uma entidade em movimento, ou seja, propício à modificação, portanto, se inclui no processo de criouliização no local em que estiver inserido, afetivamente ou não.

Segundo Magda França Vianna:

[...] fundamenta-se no princípio de que o ser humano não é uma entidade absoluta, mas um sendo/estando movente em processo perpétuo, produzindo identidades inclusivas e impregnando de novas linguagens *ethos* diversificados [...]. (Glissant, 1996, pg.89, apud VIANNA, 2005, pg. 114).

A base para o estudo crioulo é a máxima da diferença. Os estudos se apóiam em movimentos abertos e na valorização cultural de cada local. A literatura e outras áreas de pesquisa buscam expressar a visão de heterogeneidade. Apontado por Bavaresco:

A criouliização é a afirmação de uma identidade diferente que desentabiliza a visão homogênea e estática da identidade mestiça. A identidade crioula põe em movimento construções identitárias abertas ao diferente. Ela supera a identidade mestiça e exclusivamente branca. A teoria do crioulismo, na literatura, é a tendência nativista que afirma uma identidade diferente. (BAVARESCO, pg.10).

O termo crioulo também circula nas construções regionais, ou seja, como tendência nativista regional. Destacamos, portanto a ocorrência com os nativos de determinadas partes do Rio Grande do Sul, sem deixar de lado suas referências e variações, como por exemplo, na lenda sulista do *Crioulo Pastoreiro* ou *Negrinho do Pastoreiro* e ainda no Rio de Janeiro, cuja população é culturalmente diferenciada.

No que diz respeito a população desses lugares, o resultado é uma mistura não harmoniosa de práticas linguísticas, religiosas, culturais, medicinais, etc, dos diferentes povos em contato. Assim, é neste processo de mistura que buscamos a criouliidade.

Em termos mais abrangentes o crioulismo reconhece que não existe uma identidade única, o que ocorre é uma troca cultural que garante a criouliização em diferentes locais, como compreenderemos a partir da análise acerca do crioulismo

na obra serejeana, que demonstra no ambiente ervateiro a troca cultural existente que resulta no crioulisto descrito pelo autor.

2.2 O Crioulismo na Obra *Contos Crioulos*

O crioulisto trata da relação cultural, nas narrativas de Hélio Serejo percebe-se a utilização de tais relações, pois em se seus contos ele descreve o amor pelo crioulisto, que nasce com a convivência nos ervais. Ao iniciar a leitura dos *Contos Crioulos*, o leitor se questiona em relação ao crioulisto, pois tenta compreender o que significa tal termo e ainda busca a compreensão do amor de Hélio Serejo pelo crioulisto. Em todas as cenas e objetos o autor encontrava inspiração para se expressar, elevando a vida no erval.

Hélio serejo conta:

[...] Desde meninote fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, por tanto, dos mistérios das coisas charruas. Fui, sem nenhuma dúvida, um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego. (SEREJO, 2008, p. 43).

Serejo descreve os personagens no contexto regional e evidencia o seu falar, a paisagem, e a vida sertaneja, mas faz com que seus contos se tornem universais porque não se centraliza no local e transforma os personagens em heróis universais presentes em todos os lugares. O autor descreve a vida nos ervais, a mistura das culturas fronteiriças, as crenças que ali existiram e forma uma totalidade sem igual.

Tudo era motivo para escrever, Hélio Serejo tinha um caderno no qual anotava tudo o que via, ele é o autor-narrador-personagem em suas narrativas. Todas as obras foram inspiradas nas anotações e na memória do autor. No livro *Contos Crioulos* não existe uma delimitação para o crioulisto, pois ele está em tudo relacionado à cultura ervateira. Como afirma Dos Santos e Silva:

Estende-se o crioulisto na obra de Helio Serejo, como menção a todos os elementos pertencentes ao espaço que circunda os ervateiros; não há delimitação do crioulisto, ele está em tudo. (DOS SANTOS E SILVA, 2010 p.20).

De acordo com o exposto podemos observar a valorização do belo que rodeia o autor, Serejo sabia expressar através das palavras o que observava. Cada

partícula do chão ervateiro tinha uma especificidade que transmitia a beleza. Como por exemplo, o corte da erva-mate, o escritor sabia utilizar seu dom artístico e transformar o ato de cortar em belo.

O sofrimento dos peões ervateiros em sua labuta diária é descrita com a intenção de mostrar os sentimentos negativos da lida e ainda assim a narrativa é estruturada para que a beleza esteja presente. Assim, acrescenta Dos Santos e Silva:

É o belo na expressão máxima do sublime presente no crioulisto ou criouliste, que fornece subsídios para a compreensão da cultura ervateira. É dele que nascem as micropartículas do princípio elementar dos cubos geométricos. O sublime pode ser “[...] o impensável, o indiscernível, evidência de algo que não podemos ver nem definir, mas que nos arrebatam, desejo indeterminado e imenso, o inomeável, inenarrável” (PEIXOTO *apud* LOPES, 2007, p. 39 *apud* DOS SANTOS E SILVA, 2010 p.21).

O crioulisto trata da mistura de culturas, ou seja, de povos de diferentes lugares que estabelecem contato e criam laços de convivência. Na obra de Serejo nos deparamos claramente com a junção de culturas, porque em seus contos existem personagens reais, tratados por nomes fictícios, de diferentes locais, habitantes da fronteira, guaranis e pessoas vindas de outros estados para trabalhar na exploração da erva-mate.

O que prova uma curiosa mistura cultural como confirmação da junção dos povos, o resultado é o crioulisto em essência e o amor de Serejo em descrever as diferenças vivenciadas no decorrer do tempo vivido com o pai nas ranchadas ervateiras.

Serejo escreve sobre o seu prazer de poder conviver e viver no centro de uma mistura singular de culturas tão diversificadas, e acima de tudo de poder expressar as características da cultura ervateira da qual ele mesmo fez parte.

Segundo Dos Santos e Silva:

O crioulisto propicia aproximação em “zonas de contatos”, expressão conferida por Pratt (*apud* KLINGER, 2007, p. 66), referindo-se “ao espaço em que povos geograficamente e historicamente separados entram em contato e estabelecem relações duradouras”. Relações que se apresentam na escritura serejoana, principalmente na fronteira Brasil, Paraguai e Bolívia. (DOS SANTOS E SILVA, 2010 p.54).

Serejo poderia ter escrito de forma objetiva sobre a cultura do erval, mas preferiu não ficar preso a relatos simples e com isso criou um cenário surpreendente e encantador para o seu leitor. Ele não descreveu somente o trabalho dos ervais, mas também o que acontecia diariamente neste ambiente. Seus relatos vão desde as amizades, das dores nas perdas, passando para o amor entre as famílias que moravam nas ranchadas, pela beleza do pôr-do-sol ao final de um dia cansativo de trabalho. Tal escolha faz de seus livros, verdadeiros espaços de magia, mistério e surpresas nascidas do sentimento do próprio artista.

Na obra *Contos Crioulos*, como o próprio nome já diz, o crioulisto impera e ultrapassa todas as barreiras, diurnas, noturnas, paisagísticas, no falar, nos momentos de alegria, nas festas e em todos os momentos da vida do peão ervateiro, do seu levantar ao seu adormecer. Serejo traduziu a essência de todos esses instantes.

Nas narrativas crioulas, Serejo também dá espaço a figura de seu pai Don Chico Serejo. Uma espécie de inspiração para o filho, pois juntos pai e filho, desbravavam e criavam novos ranchos no povoado. Nestes novos ranchos Hélio Serejo, o pai e os companheiros de empreitada passavam por dificuldades em lugares longínquos, pois tinham que explorar a mata virgem e habitar a localidade para plantarem novas safras de erva-mate.

Portanto, tudo era crioulisto, os objetos, as paisagens e as pessoas. No decorrer das análises a intenção é transmitir alguns momentos no qual o crioulisto impera.

CAPÍTULO III

CONTOS SEREJEANOS

3.1 O Contista das *Coisas Crioulas*

Este capítulo tem por objetivo apresentar a análise de três contos extraídos da obra *Contos Crioulos* de Hélio Serejo. A obra escolhida faz parte da coleção das *Obras Completas* organizadas pelo Professor Hidelbrando Campestrini, do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul. Como já mencionado, esta é a mais recente organização do conjunto da obra do autor e referência em nosso estudo.

No conto *Das coisas crioulas*, o autor apresenta, em síntese, a vivência ervateira. Nesta narrativa Serejo define o crioulisto como tendência nativista nas culturas hispano-americanas. No decorrer da narrativa, ele faz definições de termos utilizados nos ervais, como se o conto fosse um glossário de palavras ervateiras.

A partir do conceito de crioulisto, significando a caracterização dos objetos no meio ervateiro, Serejo delimita a temática de grande parte de suas narrativas. Em seguida, a definição do termo passa a direcionar o uso de palavras e expressões utilizadas.

Segundo Serejo, *o crioulisto está em tudo. Talvez seja o mais autêntico de todos, por ser mescla de “xucristo, castelhano, guarani, modismo e expressões fronteiriças”*. (SEREJO, 2008, p. 97). E segue com a seguinte dizer:

Podemos afirmar que as palavras CRIOULO, CRIOULISMO, CRIOULAME, estão em tudo no chão de todas as distâncias, no murmúrio das águas cristalinas, nas flores mimosas dos campos no rebojo do vento sem direção, no farfalhar das folhas das palmeiras esbeltas, no rastro das feras andejas no berronar da gadaria, no canto de todos os pássaros, na chuva preguiçosa que cai no ermo encharcando a terra, no aboio dolente do vaqueiro, no fogo estralidante dos galpões, nos ruídos da noite que avança...(SEREJO. 2008, p. 100)

No decorrer da narrativa, Hélio Serejo faz menção a alguns objetos crioulos e até mesmo um tacho de ferro ganha valor ao fazer com que o leitor conheça a

importância das coisas simples para os moradores das ranchadas (lugar de morada para os trabalhadores dos ervais).

Dessa forma, podemos compreender que o crioulisto não está no tacho, mas sim no que o tacho significa para a cultura ervateira, a função dele dentro do meio. E isso é o crioulisto, uma opção capaz de fazer com que cada cena, cada paisagem tenha um significado marcante na descrição do meio cultural.

Descritos por Serejo, os habitantes das ranchadas se estabeleciam em locais longínquos de difícil acesso para cidade e não tinham como se deslocar para consultas médicas, a única solução então eram os remédios encontrados nas matas. Segundo Hélio Serejo, o crioulisto impera na medicina caseira, pois os medicamentos naturais eram o único meio para cura das enfermidades e doenças. Como se fossem plantas sagradas para os moradores. O autor fala em seu conto sobre o poaçã-rasteiro, planta apropriada para curativos. Assim, Serejo a apresenta: “[...] poaçã-rasteiro, plantinha sagrada de folhas arredondadas com manchas de um amarelo intenso ...Um remédio crioulo de elevado poder curativo” (SEREJO, 2008, p.99). No conto em questão, Serejo relata a medicina “bugrina”, como um tipo de terapia originária das crenças indígenas nas plantas com qualidades medicinais. A crença nas plantas é passada de geração em geração pelos indígenas, através das lendas sobre o poder curativo dos medicamentos naturais.

Após descrever a medicina Serejo percorre outras instâncias da vivência crioula. Com isso o autor propõe uma reflexão sobre a simbologia usada para duas concepções distintas sobre o porongo (trepadeira curcubitácea de cujos frutos enormes, ocos e de casca dura, se fazem cuias e vasos. MiniAurélio, 2001, p.546). A primeira é a do porongo guardador de água, possuidor de várias utilidades e a segunda do porongo guardador de tradições e memórias ervateiras por possuir o formato arredondado e fundo da impressão que sempre cabe algo mais. Nas próprias palavras de Serejo o porongo é descrito de maneira singular:

Cuité, cuia, porongo, cabaça, de muitas e muitas serventias, tais como beber-se água, matear, medir farinha e arroz, guardar pertences de costura e semente de flores. O porongo guarda em seu bojo todas as histórias do crioulisto, isto por vontade de Cristo que o abençoou na hora de fazê-lo, pertence crioulo valioso guardador de tradições. (SEREJO, 2008, p. 98)

A sequência da narrativa se dá com a definição da palavra assovio. No sentido comum, assoviar relaciona-se com o gesto de emitir um som com a boca, mas, nos ervais, o significado do ato está relacionado com as crenças populares, de que o som afugenta os bichos peçonhentos e ventos mandados por satanás. Como conta Serejo:

Pela credence popular, no que tange ao crioulisto, assoviar tem a sua importância, a sua tônica de respeito, porque afugenta o bicho peçonhento e desvia de direção o vento destruidor que sopra com violência a mando de satanás. (SEREJO, 2008, p. 99).

A próxima referência crioula citada por Hélio Serejo descreve uma bebida: a pinga, iguaria que não podia faltar no meio dos peões e que circulava entre a peonada a partir de uma grande variedade de vocábulos curiosos e particulares, pois o que interessava mesmo era o efeito de alegria proporcionado ao fim do dia de trabalho. “[...] *não podemos esquecer a pinga, aguardente ou a canha guarani. A guaripola, entretanto, foi a dominadora. Pinguinha da pior espécie [...]*”(SEREJO, 2008, p. 100).

E assim, concordamos com Serejo ao reconhecer que tudo que circunda o universo dos ervais está impregnado pelo crioulisto: na essência dos objetos, nos animais e de todas as coisas simples que pertencem à cultura ervateira. Para Hélio Serejo ver o crioulisto é ver as coisas, as paisagens, e ter o olhar de um trilhador de caminhos, com os olhos de um enamorado dos sertões. “*Isso tudo, reafirmamos, é crioulisto, presente carinhoso dos anjos. Benção sublime do magnânimo e sábio Deus Criador*”. (SEREJO, 2008, p. 100).

3.2 O conto “O peão que viu Jesus”

Neste conto temos a descrição de um peão esquisito, no ponto de vista da peonada da ranchada (lugar de morada para os trabalhadores dos ervais). A maior parte da narrativa se passa na ranchada “Porto Baunilha” de Don Chico Serejo, local no qual o peão nada comum morou por cinco meses e contou uma história sobre o aparecimento de Jesus Cristo.

O conto segue no detalhamento da vida do peão, um homem simples que morava na ranchada do paraguaio Francisco Rojas e que a partir de um determinado tempo de convivência não suportou as manias do homem e mandou-o

embora, providenciando boa matula, (um tanto de comida para a viagem) como era de costume nos ervais. O peão partiu e fixou-se na ranchada de Don Chico Serejo, o pai de Hélio Serejo, e nesta ranchada permaneceu por cinco meses, mas nunca conquistou a afeição das crianças e das mulheres. Fazia suas tarefas, comia e ia dormir. Não fez amizades, mas também não teve atrito com ninguém. Certo dia encontrou o capataz-rancho (responsável pelo rancho e distribuição dos afazeres) e contou que tinha visto Jesus Cristo na sua frente e Jesus não tocava os pés no chão. O capataz ficou quieto e não quis concordar e nem discordar do que ele contava, não quis desconfiar dos sentimentos cristãos do peão. Em seguida foram dormir e na manhã seguinte o peão não estava mais na ranchada.

Nos dias seguintes, só se falava no desaparecimento do peão e na aparição de Jesus Cristo; algumas pessoas acreditaram no acontecimento e levantaram uma cruz no local da suposta aparição. Muitos palpites surgiram sobre o acontecimento, e após um longo tempo foi descoberta sua morte atribuída a uma “síncope” (perda temporária da consciência devida à má irrigação sanguínea cerebral. Dicionário MiniAurélio, 2001, p.637).

A partir dos estudos sobre o crioulisto, a temática predominante nesse conto é a religiosidade como essência da narrativa. Muito respeitada nos ervais, a religiosidade pode ser vista como parte da cultura dos ervateiros. A narrativa apresenta o comportamento do homem ervateiro em relação a Deus, pois para os moradores o relato da aparição de Jesus Cristo era fidedigna e merecedora de crédito. Diante do divino, os habitantes dos ervais não zombavam e considerava os assuntos ligados a Deus como um assunto sério a ser respeitado. Como demonstração desse respeito, ergueram uma cruz no local da dita aparição em gratidão a Jesus, pois acreditavam que a presença era um sinal de proteção para a ranchada.

Podemos perceber que o personagem principal não era bem visto, pois as crianças e mulheres tinham certo medo do peão. Já este peão não tinha intriga com ninguém. O fato narrado por ele, de ter visto Jesus Cristo, surpreendeu o capataz e todos os moradores da ranchada. Contudo, a narrativa evidencia que o peão era um homem cristão, temente a Deus, acreditava que sua fé faria com que prosseguisse no caminho certo, na busca por seu objetivo, sem cansar o corpo e caminharia alimentado pela sua fé. *“Não foram procurá-lo. Em uma noite inteira de luar, repleto*

de magia, um cristão, a pé, vence muitas léguas sem cansar o corpo.” (SEREJO, Hélio. 2008. p. 75).

A essência do conto “*O peão que viu Jesus*”, se centra na religiosidade com a mescla do crioulisto, a crença dos habitantes dos ervais, o símbolo da cruz que representa Deus.

Além do aspecto religioso o conto não deixa de relatar, as paisagens campesinas, os costumes retratados pelos habitantes dos ervais. A narrativa descreve o incontestável valor das cabeceiras arenosas, dos varjões e dos brejos que são caminhos obrigatórios para os desbravadores dos sertões.

Na sequência dos fatos o autor descreve a noite enluzada, presente de Deus-Criador, na qual se podia enxergar com clareza e fazia a paisagem ter outro tom, uma noite de luar é uma noite de magia, repleta de encantamento.

A importância que se tem para com o próximo na passagem que diz: “*Deu-lhe, certa manhã, boa e farta matula, e apontou-lhe a estrada. Era a “lei” dos ervais...*”(Serejo, 2008,p. 74). Eles se importavam um com os outros, pois o patrão mandou-o embora de sua ranchada, ainda assim lhe dá o alimento para que possa continuar até encontrar outro pouso, não o deixa desamparado na hora da dificuldade.

A descrição feita do peão no decorrer do conto também retrata a rotina das ranchadas, os peões acordavam de madrugada para um novo dia de lida, o peão um tanto esquisito e personagem principal, em particular era um homem obediente e prestativo em seus afazeres. Apesar do peão ser prestativo, depois de seu sumiço ninguém saiu para procurá-lo, logo depois da sua narração do aparecimento de Jesus Cristo ao capataz o peão se deslocou para seu local habitual de descanso, mas não amanheceu no mesmo. E seu sumiço ficou centrado nas especulações sobre o porquê de sua partida.

A solução para o desaparecimento do peão que viu Jesus só ocorrera depois de cinco anos do sumiço, sendo que a causa da morte terá menos importância do que a própria partida do peão fujão. Como afirma Hélio Serejo: “*E a causa da morte? Todos tiveram o mesmo pensamento: foi tomar banho, teve uma síncope e morreu afogado. Viável, sim!*” (SEREJO, 2008, p.76).

Tudo é crioulisto, todo o labutar ervateiro do amanhecer ao anoitecer. O crioulisto faz parte da vida nos ervais representa a crença em Deus e as crendices

nas benzedeadas. O sentimento crioulo esta enraizado na terra, nasce no chão ervateiro. A junção entre as culturas presentes nos ervais mostra a diversidade em uma totalidade, dentro da qual se constitui a cultura ervateira. Assim, os habitantes das ranchadas criam um laço de convivência, todos vivem no mesmo local, nos campos ervateiros, tendo como trabalho a plantação e o preparo da erva-mate, contudo, não existe distinção entre o paraguaio, o brasileiro, o guarani.

Nas ranchadas os homens são somente ervateiros, como vem também vão, a procura de novos pousos, novos lugares para desbravar. Como o peão que viu Jesus, que encontrou a morte em uma síncope na hora do banho, na curva do rio, compondo mais história dos ervais de sertões enluarados.

3.3 O conto “O último ervateiro”

Neste conto Hélio Serejo presta homenagem ao companheiro de empreitada nos ervais, Otaviano dos Santos. Este senhor, a quem Serejo homenageia foi um grande explorador da erva-mate. Ainda moço, no início da atividade, foi chamado de fraco de juízo, pois no meio da mata fechada resolveu fazer morada e fixar a sua ranchada em uma ótima localidade.

A síntese do conto nos faz perceber que esta é uma narrativa feita como expressão do valor da pessoa, de da essência do ser humano. Otaviano foi uma figura única em toda a vivência ervateira de Serejo, pois o produtor transmitia a paixão pela produção da erva-mate, portanto o amor pelo chão crioulo.

Como o crioulisto impera nos ervais o conto *Ultimo ervateiro*, traz consigo uma vasta linguagem que recupera o crioulo no decorrer da narrativa. O elemento humano se sobressai no conto, pois o autor enaltece o homem na figura de Otaviano por sua bravura em administrar a ranchada e a perspicácia na exploração da erva.

Otaviano tinha sangue sertanejo nas veias, trabalhou intensamente para erguer os ranchos necessários e os lugares para a fabricação da erva. Mediu e demarcou para que o governo pudesse lhe expedir o título definitivo. Suas terras faziam fronteira com o vizinho Paraguai, na cidade de Iguatemi. Não se acovardou diante das dificuldades. *“Tinha em mente produzir erva-mate e da melhor qualidade”*. (SEREJO. 2008, p. 90). O produtor superou todos os obstáculos que aparecerem

em seu caminho e não desistiu. Conseguiu o título de dono da terra e começou a exploração da erva de boa qualidade.

A produção era rústica, pois o produtor não era chegado a modernidades. A única aquisição do “patron” (patrão), para o avanço industrial foi um motor movido a óleo cru, que proporcionou aumento animador na produção. O orgulho de Otaviano era a qualidade da erva-mate produzida na ranchada. Durante todo o dia fiscalizava as operações realizadas na fabricação, era entendedor do mais completo gabarito sobre o que diz respeito à erva. O crioulismo marca intensa nos contos serejeanos é transmitido através de Otaviano, pois ele opta pela produção artesanal tem em mente que se modernizar vai perder a herança avoenga de como produzir uma boa erva. Cada instrumento artesanal tinha importância na fabricação de ótima qualidade do produto.

Assim, o produtor trabalhou para ser reconhecido e respeitado no meio ervateiro, trabalhava incansavelmente para o reconhecimento do produto fabricado sobre sua responsabilidade. Por isso, ficou conhecido em vários locais e seu produto era sinônimo de qualidade. Em sua ranchada trabalhavam bugres paraguaios, índios guaranis, assim chamados na região de fronteira. Otaviano valorizava o que era da terra não buscava inovações nem mão de obra de outras regiões.

Na sequência da narrativa Serejo enaltece o amigo e conta como este trabalhava no trato com a erva, desde a secagem, moagem e empacotamento. A erva produzida por Otaviano tinha dois destinos: Cooperativa de erva-mate de Iguatemi e firmas compradoras de Campo Grande. Nessa época, porém, a exportação da erva passava por uma crise, comprometendo os investimentos de Otaviano. Mesmo com pessoas do âmbito político que lutavam pela causa dos ervateiros, o pior veio a acontecer com a queda na venda dos produtos.

Segundo Hélio Serejo, Otaviano é merecedor da homenagem de ser retratado como personagem de um de seus contos porque foi um verdadeiro ervateiro. Um produtor que mesmo diante da crise continuou a produzir, sempre valorizando a qualidade e a produção de forma artesanal. O ervateiro sabia que a crise poderia chegar, mas não se acovardou, não abandonou a sua ranchada e se fosse por sua vontade até hoje existiriam imensos ervais na fronteira Brasil-Paraguai e nas margens dos rios navegáveis.

As qualidades que o personagem apresenta em sua descrição são marcas das qualidades que os peões ervateiros precisavam ter. Destacam-se a bravura e a presteza nessa caracterização, além da afirmação de que esses homens deveriam ser prestativos, valentes, incansáveis e bons trabalhadores. Deveriam ser “guapos” (disposto, que enfrenta qualquer trabalho), conforme afirma o próprio Serejo. Otaviano demonstrava amor pelo seu trabalho no erval e esta postura do ervateiro faz da narrativa uma bela história de honra e bravura na qual o trabalhador não se deixa abater pelos problemas e pela crise e continua na ranchada produzindo sua erva da melhor qualidade.

Nesse conto, Crioulo é o próprio homem, representado pela vontade que Otaviano externava em seu desejo de até mesmo em nossos dias deveria existir vários ervais esparramados por todo o Estado. O conto resume a existência de uma ligação muito forte entre o homem e a terra. Para o produtor era importante vender e ganhar dinheiro, mas acima de tudo era necessário o conhecimento das “coisas charruas” (que são da terra).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre Hélio Serejo são importantes, pois retratam a história da construção identitária do povo sul-mato-grossense. Os contos deixam de ser regionais para se tornarem universais a medida em que o autor faz com que o leitor aprecie a leitura e passe a se interessar pela exposição de acontecimentos simples na rotina dos ervais.

A obra serejeana é um expoente para a literatura sul-mato-grossense e merece reconhecimento por todo Estado. Os livros que originaram as *Obras Completas* foram entregues pelo próprio Helio Serejo ao Professor Campestrini, responsável pela organização da última publicação. Segundo Campestrini, todos os textos originais estão digitados em papel comum ou datilografados, de forma bem organizada. Os acervos com os livros antigos estão no IHGMS à disposição de pesquisadores.

Para a realização de nosso trabalho é importante salientar a doação feita pelo IHGMS, na pessoa de Hidelbrando Campestrini, para Unidade Universitária de Jardim, através da Professora Dr^a Susylene, pois com as *Obras Completas* em nosso acervo o acesso aos livros tornou-se possível. Esperamos que a partir de nosso estudo outros acadêmicos possam se interessar por novos trabalhos voltados a escritores e obras que nos representam.

Por fim, estudar a obra serejeana foi uma descoberta sobre temas ainda inexplorados. A análise de contos da obra *Contos Crioulos* forneceu subsídios para um início de pesquisa que não cessa com este trabalho. As obras de Hélio Serejo conservam uma vastidão de temas a serem explorados. No caso do Crioulismo, tema escolhido para esse estudo inicial a respeito do trabalho do contista fica evidente a importância dessa temática para a compreensão do ciclo da erva mate na região sul do antigo Mato Grosso. Hélio Serejo escreveu sobre tudo que lhe rodeava e atentamente descreveu a alma sertaneja e a cultura ervateira em várias vertentes. Com amor ao crioulismo, que encontrou nas paisagens, nos costumes, nos animais e nos habitantes dos ervais, Serejo construiu uma obra com mais de cinquenta títulos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAVARESCO, Agemir. *O Núcleo ético-metafísico do negrinho do pastoreiro de João Simões Lopes Neto*. Disponível em www.pucp.edu.pe/eventos/congresos/.../BavarescoAgemir.pdf. Acesso 09 de setembro de 2010.

CAMPESTRINI, Hidelbrando. *Hélio Serejo*. Disponível em http://www.ihgms.com.br/artigos/artigos_materia.asp?ID=19. Acesso: 15 de julho de 2010.

_____. *Hélio Serejo, o trilhador de todos os caminhos*. Disponível em http://www.ihgms.com.br/noticias/noticias_materia.asp?ID=3. Acesso: 15 de julho de 2010

CHAMOISEAU, Patrick. Tradução e hipertexto, VIANNA, Magda França. *Éloge de la Créolité (Elogio da Crioulidade)*. Disponível em http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_mfvianna_prod_acad.htm. Acesso: 09 de setembro de 2010

DOS SANTOS E SILVA, Serley. *A outra face da memória no universo ervateiro de Hélio Serejo*. Dissertação de mestrado. UFMS. Campo Grande. Abril de 2010.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. *Mediações culturais entre Paraguai e Mato Grosso do Sul: a mulher paraguaia no conto de Josefina Plá e Hélio Serejo*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. *Tessituras, Interações, Convergências*. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil. Disponível em http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/015/SUELY_MEN DONCA.pdf. Acesso: 25 de fevereiro de 2010

NOLASCO-SANTOS, Paulo Sérgio. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional Sul-mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

NOLASCO-SANTOS, Paulo Sérgio & RUSSO, Dayana Lopes. *Na fronteira Brasil-Paraguai: o crioulisto de Hélio Serejo*. Disponível em http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed_anteriores/n8/artigos/artigo01.pdf. Acesso: 25 de fevereiro de 2010

PACHECO, Mara Regina. *A literatura fronteiriça do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo*. *Jornal Imagem* (Nova Andradina-MS), 08/11/2008, p. 02.

SEREJO, Hélio. Obras Completas. Campo Grande. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. (V. 9).

_____. *Obras Completas*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. (V. 1 ao V. 8).

_____. *Contos Crioulos*. Org. Enilda Mougenot Pires. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998.

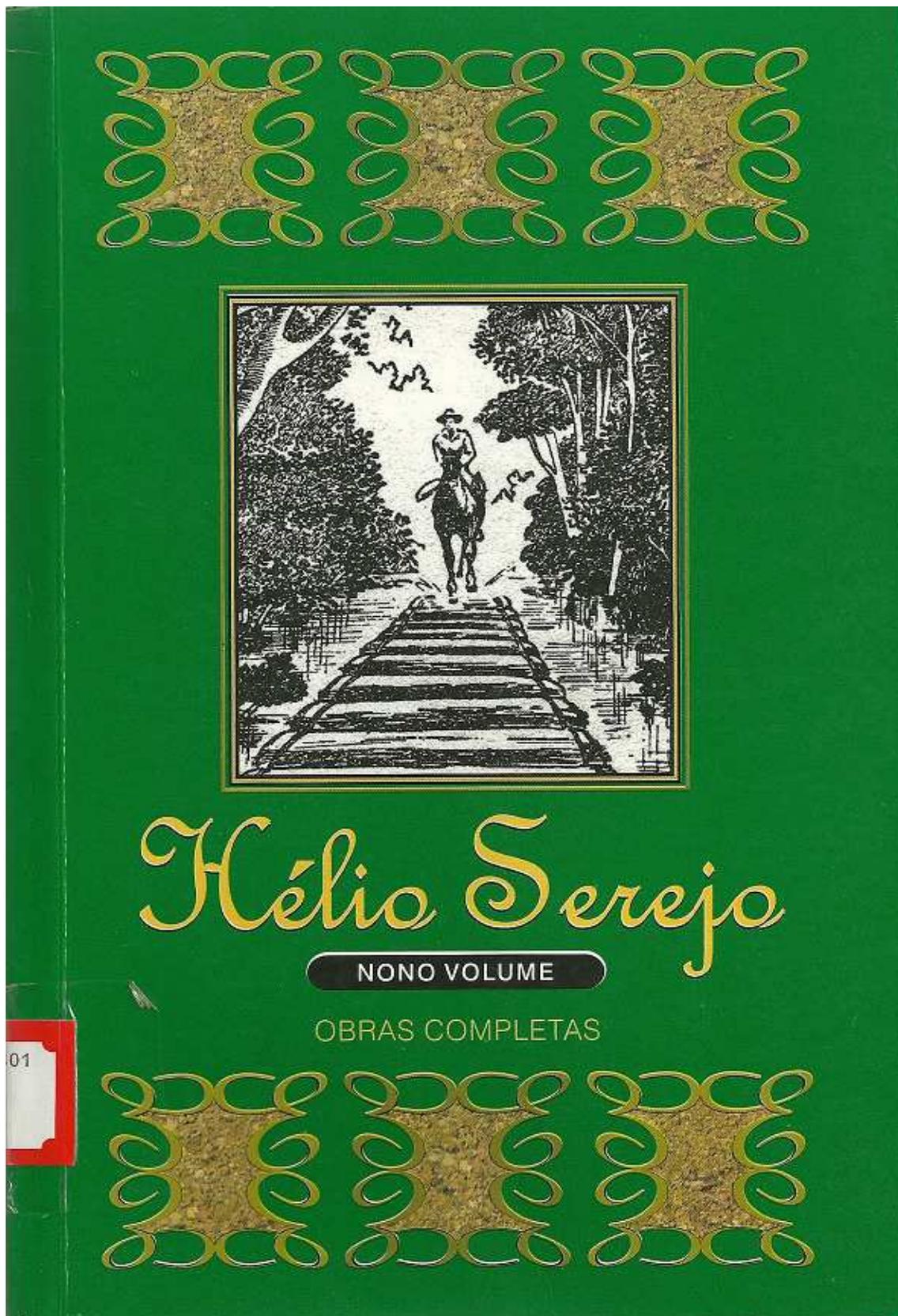
Souza, Ana Aparecida. *O balaio do bugre Serejo: História, memória e linguagem*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 123-141- dez. 2009. Disponível em http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v5.2/artigos/balaio_do_bugre.pdf Acesso: 10 de maio de 2010

STEFANES, Ivonete. Os efeitos de sentido das imagens verbais serejeanas. ANAIS DO III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS-Dourados. 08 a 10 de outubro de 2007. Disponível em <http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/18%20-%20OS%20EFEITOS%20DE%20SENTIDO.pdf> .Acesso: 10 de maio de 2010

VIANNA, Magda F. *Crioulização e Criulidade*. In: Conceitos de Literatura e Cultura. (Org.) Eurídice Figueiredo. UFJF/EdUFF. 2005.

ANEXOS

Anexo A – Capa do nono volume das *Obras Completas*



O peão que viu Jesus

Suas atitudes, sem dúvida, que eram esquisitas, profundamente esquisitas. Trabalhou na ranchada ervateira do paraguaio Francisco Rojas, que não conseguiu suportar o maníaco por muito tempo. Deu-lhe, certa manhã, boa e farta matula, e apontou-lhe a estrada. Era a lei dos ervais...

Foi parar na ranchada Porto Baunilha de dom Chico Serejo. Falava pouco e, quando falava, tossia e gaguejava. Fazia qualquer serviço. Era bem mandado, obediente. Nunca, na ranchada, conseguiu a afeição das mulheres e das crianças.

Nele, entretanto, jamais viram uma atitude agressiva ou gesto de revolta. Executava a sua tarefa, comia e ia dormir na cobertura feita de carpa. Madrugação estava de pé. Para esperar pelos demais companheiros, sentava-se num tronco de árvore e ficava batendo os dedos na madeira como se estivesse acompanhando uma música.

crânio humano com profundo corte pouco acima da orelha direita. O crânio - opinião unânime - era, sem nenhuma dúvida, do peão que vira Jesus Cristo. Tinha ele um rebaixamento na cabeça, que a peonada chamava de buracão.

E a causa da morte? Todos tiveram o mesmo pensamento: foi tomar banho, teve uma síncope e morreu afogado. Viável, sim.

O último ervateiro

Quando aquele moço de olhos brilhantes teve a idéia de levantar morada ali, na mata fechada, para fazer erva, julgaram-no um fraco do juízo. Ele, porém, tinha sangue sertanejo nas veias; não só levantou os ranchos necessários, como requereu a gleba de atraente localização, mandou medi-la e demarcá-la, com o que o governo do Estado de Mato Grosso expediu-lhe o tão sonhado título definitivo.

A gleba, que era o seu imenso encanto, possuía apenas quarenta e dois alqueires, ficando a menos de quinze quilômetros de Iguatemi, faixa lindeira com a República do Paraguai, uma vizi-

será esquecido. Sua tenacidade marcou um grandioso exemplo. Seu nome digno e respeitado ficará para sempre nos tapês-hacienda, no caati, costureado, cajaré, jeroqui, Nhandejara, pique, perchel, soó-piru, tapê-poí, uru, costo, mbaracá, tembiú, *Virgen de Los Milagros* e *Virgen Azul de Caacupé*.

Em matéria de industrializar a erva-mate, Otaviano dos Santos só pensava do lado bom, o correto, o que realmente interessava ao Estado de Mato Grosso e aos ervateiros. A sua obsessão doentia em plantar erva-mate nas zonas de fácil escoamento comprovava o seu idealismo e desejo sincero de ver a indústria da erva, a tão apreciada erva de Mato Grosso, dominando os mercados.

Otaviano dos Santos é merecedor deste registro, pois sempre teve consciência do que, mais dias menos dias, poderia acontecer... Aperto-lhe a mão com especial estima.